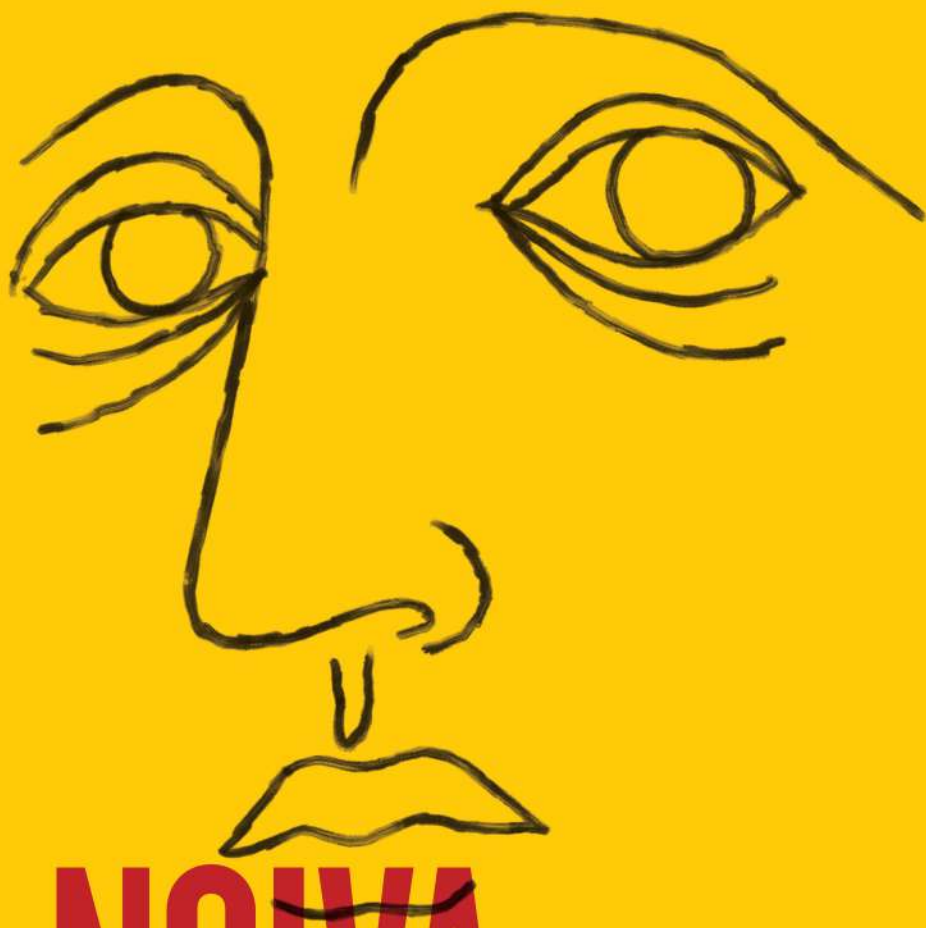


João Reis

«Uma voz literária contracorrente.»

Visão

ELSINORE



**A NOIVA
DO TRADUTOR**

À Ana.

|

O meu regresso é triste, a chuva cai sem cessar e ponho uma mão fora da janela, o elétrico avança devagar, alguém se atravessa na linha, ouço gritaria e improperios, este povo cansa-me, levo a mão à cara, molho-me indecentemente, a mulher sentada à minha frente vira a cara, não pode fazer outra coisa, tenho o rosto húmido, talvez seja obsceno molhar a cara diante de uma senhora que não se conhece de lado nenhum, nada sei sobre isso, o elétrico arranca uma vez mais, na rua uma mulher cheia de sacos de rede na mão ergue um guarda-chuva partido enquanto barafusta, decerto gostaria que o guarda-freio se responsabilizasse pelo estrago, bem lhe poderia pagar o concerto, ela grita tanto que ainda a ouço depois de avançarmos, não há dúvida de que tem razão, a culpa não foi dela e, se considerarmos não ter sido o acaso o causador do acidente, teremos de responsabilizar o guarda-freio, esse miserável não travou antecipadamente, esse sorna, depravado, fosse ele o vendedor de bilhetes e roubaria aos cegos sem o mínimo pudor, não admite os estragos que faz, o facínora.

Porém, o elétrico avança, o facínora conduz, isso é verdade, a chuva não abranda, sinto-me triste, a ida ao cais não me aliviou, o peso no estômago aumentou, a mulherzinha à minha frente tem um narizinho muito apetitoso, sinto vontade de o trincar, sim, é um rabanete, como apreciaria mordê-lo, ouvi-lo estalar sob os meus dentes, maravilha, esplendoroso, importar-se-á

ela se eu tentar, será que sim, ou talvez não, a saliva enche-me a boca, sempre tive este problema, salivo demasiado, ela vira novamente o rosto, é uma senhora, o narizinho de perfil continua a ser um belo rabanete, mas, por Deus, tudo isto é obsceno, sem dúvida, que faço eu ao inclinar-me em frente, quase lhe tocando os joelhos, boquiaberto, um idiota, sou um genuíno imbecil! Senhoras destas não devem ser abordadas deste modo rude, de boca aberta, a saliva escorrendo pelo queixo, que figura, o descaramento de alguém para se apresentar assim a uma dama, mulheres destas nem deveriam utilizar o elétrico, não, apenas circular em caleches com os melhores cavalos, ou até nos veículos motorizados que cada vez mais circulam na cidade, encobrimdo com os fumos nauseantes dos seus escapes o bom cheiro da bosta equina, sem estes odores, como poderei recordar os meses passados em casa da minha avó, memórias impossíveis num certo futuro, iminente, dado o ritmo do progresso, ora, estas senhoras só se encontram no seu ambiente quando, no interior dessas viaturas, o motorista acelera nas curvas para as deixar no teatro, na ópera, eles abrem-lhes a porta, o cavalheirismo é o de um profissional, uma genuína fineza, estas senhoras caminham com delicadeza, sobem as escadas do teatro sob elogios, múltiplos louvores, não têm de se encostar aos passageiros, balançando de um lado para o outro, um tormento, a saca da mulherzinha abre-se, os alhos espalham-se pelo chão do elétrico, um garoto irrequieto e sem dentes ri-se, não sente vergonha daquela boca, o canalha ri-se dos alhos que reboam pelo chão, a mulher tenta apanhá-los, ela não escapa ao cheiro a suor dos ocupantes dos lugares junto à coxia quando se acerca deles, é uma vergonha, um completo escândalo o que se passa nestes transportes públicos, ninguém se digna a baixar-se e apanhar os alhos à mulher, eu próprio o faria se não corresse

o risco de ser mal interpretado, já bastou a boca aberta e cheia de saliva, o que pensariam os passageiros se me curvasse agora para a ajudar, ficando cara a cara com ela, quiçá trincando-lhe o nariz de rabanete, um vexame, não há dúvida, todavia, poria de lado o orgulho e ajudá-la-ia, não fosse macular-lhe a honra diante destes brutos, o canalhinha ainda ri, tem uma daquelas caras que, só de a olhar, origina desejos violentos, encher-lha-ia de sopapos bem aplicados, é um pequeno idiota, aposto que cola o ranho debaixo da cadeira da escola, porcalhão, javardo, não, não posso ajudar a senhora, a sociedade não compreende a ajuda altruísta e sinto-me demasiado triste para agir, estou assolapado desde que regressei do cais, de onde a vi partir.

O navio zarpou, e ela não se despediu, não disse nada, nem um gesto, ter-se-á esquecido, é natural, tal comportamento é normalíssimo, não se faz uma viagem destas todos os dias, é difícil embarcar nestas condições, com este tempo, sim, não tem nada de estranho, como poderia ela erguer a mão e acenar-me se o vento era tal que dificilmente segurava o guarda-chuva ao subir, seguida por tantos passageiros apressados e pouco interessados em despedidas? Sim, como? No entanto, porque penso nestas coisas quando agora nada posso fazer, nem sequer ajudar a mulher a apanhar os alhos, ainda não conseguiu, irra, que é demais, será míope ou tão-só desastrada? Ou, pior do que isso, tentará manter esta situação insuportável por mais tempo, só para tatear, tocar nos pés dos passageiros? Mas que depravação, este elétrico está cheio de animais, é grotesco, aquele garoto não fecha a boca desdentada, rindo-se como um idiota, e esta mulher gatinha pelo chão, atrás de alhos que nunca apanha, céus, como posso estar metido neste antro de bestialidade, e sabe-se lá quem mais estará cá dentro, eu deveria tocar de imediato a sineta para sair, narrar a situação ao guarda-freio, mas como,

se também ele é um facínora da pior espécie, um ignóbil destruidor de guarda-chuvas, claro, como poderia eu esperar encontrar-me entre pessoas civilizadas se o próprio condutor é uma besta, que martírio, não pretendo rodar a cabeça e ver o que me envolve, temo o que possa ver, não estivesse a chover a cântaros e sairia já, far-me-ia bem caminhar, esquecer a tristeza da despedida, se ela pelo menos me tivesse acenado, lançado um sorriso ou um beijo de lábios tocados pelos seus dedos, aí seria mais feliz, não teria de ver este triste espetáculo, este circo de aberrações.

Contudo, não resisto, talvez me venha a arrepender, mas algo me obriga a rodar o pescoço, será porventura um ato treloucado, não sei se ainda controlo o meu próprio corpo, alguém neste elétrico pode iludir a minha mente, não sou homem de acreditar em contos de fadas, não obstante, certos fenómenos inexplicáveis ocorrem com uma frequência demasiado alta para serem vistos como meras coincidências, trata-se de acontecimentos extraordinários, assombrações, repentinos mal-estares, treçolhos, maleitas de vários tipos, sabe-se lá de onde vêm, o facto é que viro a cabeça, o maldito rapazola continua embasbacado, de que rirá tanto, será de mim e não da mulher que ainda gatinha em busca dos alhos, a saca abre-se-lhe mais, e já vejo uma cebola a circular conforme o balanço do elétrico, não escasseiam os passageiros, a lotação não está esgotada mas pouco faltará, porquê, meu Deus, porque tenho de virar a cara, lá está ela, uma velhota com uma grande verruga, é asqueroso, nota-se também o buço, terá chegado da aldeia, a moda por aqui já não é assim, uma tristeza, não ter uma filha que lhe fale do estado em que se apresenta, a velha sorri, parece prestes a abrir a boca e soltar uma gargalhada, talvez a culpa seja do garoto imbecil, esse ruivinho imberbe cuja mãe não o educa, segue sentada a seu lado e nada diz, por favor, minha senhora,

diga-lhe para fechar essa boca, essa carranca, evito olhar a velha de frente, pode querer iniciar conversa comigo, não estou em condições para isso, estou de rastos, acabado, terminado, como será a minha vida de agora em diante, ela partiu no navio, não tem data para voltar, disse que não mais me queria ver, veremos se assim será, está descontente, a vida não é fácil, sou o primeiro a admiti-lo, tenho de pensar numa solução, cogitar, mas para isso há que sair deste elétrico, a viagem não termina, prolonga-se com este tempo miserável, a chuva não cessa, obrigo-me a virar a cara para a janela, caem algumas gotas no meu ombro, sacudo-as, acumularam-se durante muito tempo, distrai-me, esta maldita mulher não apanha os alhos, é da cebola que corre agora atrás, sinto um impulso para bradar palavras desconexas, insultos!, só a custo me contenho, os passageiros pouco falam no elétrico, é invulgar, não costuma ser assim, a chuva talvez os deixe melancólicos, é curioso como a água e o fogo podem ter efeitos tão semelhantes embora se anulem um ao outro, o fascínio que sentimos diante de uma boa fogueira não está muito distante da sensação doce de chuva embatendo numa vidraça, o céu cinzento, opaco, o pôr-do-sol em vermelho-fogo não lhe fica atrás, sinto necessidade de esticar a mão e apanhar gotas que caem, são agulhas que me dilaceram a pele em minúsculos poros, tão pequenos que os não vejo, quem me dera abrir a boca e engolir a chuva, a cabeça de fora da janela, virada para as nuvens, deem-me de beber, esta saliva abundante seca um homem por dentro, que aborrecimento, este elétrico não avança, uma carroça cheia de flores está atravessada nos carris, a mula não quer andar, tem medo, estas malditas latas dos automóveis só deitam fumo, a mula não vê no meio de tanta fumarada, o dono bate-lhe, mas de nada adianta, o facínora do guarda-freio toca o sino e barafusta, levou com chuva toda a viagem e está

insuportável, as pessoas entram e saem, e ele ali fica, sempre de pé a dar à manivela, trava e acelera; desta vez, o veículo não arranca, por fim, os alhos sossegam, a senhora respeitável e o seu nariz de rabanete conseguem apanhá-los quase todos, só um teima em escapular, acaba por deslizar até aos pés do rapazola sem dentes e sorriso imbecil, o paspalho sente-o junto ao pé e dá-lhe um pontapé, o patife, outro facínora, talvez seja familiar do guarda-freio e nem o bilhete pague, a mãe não lhe diz nada, a velha da verruga abre-lhe mais o sorriso peludo, a senhora vê o alho voar na minha direção, isto é um verdadeiro escândalo, eu cheio de problemas e tenho de presenciar isto, decido tomar uma decisão, curvo-me em frente e apanho o alho, volto à minha posição original e ofereço-o numa mão aberta à senhora, coitada, não merece esta provação, ela sorri-me ao sentar-se com o saco de novo cheio, agradece-me com um meneio da cabeça ao pegar no alho que exibo triunfalmente, o garoto já não se ri tanto, o grande idiota, apanhasse-o eu num beco escuro e veria como voltaria a casa esse ruivinho imbecil, a velha talvez coce a verruga, ouço o som característico de uma unha a raspar na pele, não tenho coragem para virar o pescoço e confirmá-lo, levanto-me de repente, o guarda-freio ainda gesticula ao vendedor de flores, a mula permanece parada, faço um gesto à respeitável senhora diante de mim, reconheço o seu tormento, vivemos rodeados de bestialidade, o meu rosto húmido talvez já não seja tão recriminável, tão obsceno, quase lhe calco os dedos dos pés ao erguer-me, bato com a cabeça numa das correias de mão, avanço celeremente, não olho para trás, passo pelo guarda-freio, e ele cala-se por um instante, o sacripanta quer impressionar-me, julga-me um homem importante, é de facto repugnante ver a baixeza destas pessoas, o lodo onde estes suínos chafurdam, pois de mim não terá nada, um zero absoluto, caminho em frente, o parvalhão tenta dizer-me

alguma coisa, mas avanço, que me importa se não devo sair ali, lá dentro é impossível continuar, chego mais depressa a pé, a chuva não me incomoda, salto para fora do elétrico, um pouco de humidade no rosto só me alivia, ela foi-se embora sem sequer me acenar!, afasto-me do elétrico, a mula parece fartar-se de ali estar e resolve avançar, o vendedor corre atrás da carroça, o elétrico pode seguir caminho, o sino toca, é estranho, pois sinto o cabelo empapar-se, a água escorre-me sobre os olhos, não está vento, por isso, toda a situação se torna bizarra, que chuva será esta, o elétrico segue pelos carris, as bestas continuam todas lá dentro, nem preciso erguer o olhar do passeio, a chuva fere-me os olhos, mas, por algum motivo que desconheço, é mesmo o que faço, um qualquer fenómeno inexplicável perturba a minha mente, pode ser a partida dela, ou outra coisa qualquer, algo sobrenatural, bruxaria da pior. O certo é que olho para o elétrico e vejo a senhora respeitável que se sentava diante de mim a abanar-me um chapéu pela janela, que pretenderá ela, abre a boca e pronuncia alguma coisa, não entendo o que diz, as palavras são abafadas pela chinfrineira dos carris molhados.

A água escorre-me pela cara abaixo, levo a mão à cabeça, sim, de facto, esquecera-me por completo do chapéu, pousara-o no assento ao meu lado, a senhora respeitável deve tê-lo visto depois de o elétrico arrancar, já vai longe, não correrei, mas que vergonha, que vergonha, meu Deus, chove, e eu com tanta distância a percorrer, sem um chapéu nem um guarda-chuva, um miserável, um mendigo, Helena partiu e deixou-me aqui, sozinho, molhado, o que pensarão aqueles animais no elétrico, o garoto deve rir-se desbragadamente, acompanhado pela velha da verruga, o vexame de sair e esquecer-me do chapéu, mas tudo poderia continuar bem, seria uma saída honrada, sim, se eu, pelo menos, não tivesse apanhado o alho!

Tiro a chave do bolso, tenho a mão fria de tão molhada, enfio a chave na fechadura, a porta do prédio está outra vez empancada, tenho o casaco completamente encharcado, maldita porta, a senhoria não arranja isto, sou obrigado a usar a força, quase estronco a fechadura, os transeuntes olham para mim, pareço um ladrão, nem sequer possuo um chapéu, um desgraçado à chuva que não para de cair, as nuvens querem fazer transbordar os rios, por fim, consigo abrir a porta, entro no vestíbulo.

As brumas apoderaram-se desta casa, dona Lucrecia poupa nos gastos, nem uma miserável velinha acesa, como é possível viver nestas condições, a avarenta cortou a luz elétrica no edifício, afirma que aquilo que recebe dos hóspedes não lhe permite tão luxuosa despesa, trabalho à luz da vela, no inverno, esforço os olhos no meu quatinho bafiento e escuro, não há respeito pelo trabalho de um homem, não, traduzir não é trabalho de pessoa séria, afinal, porque é que me pagam para escrever uns gatafunhos, verter na nossa nobre língua cartas comerciais, faturas, obras literárias do maior calibre, deixe-se disso, homem, pegue numa enxada, faça-se doutor das artes médicas, já não precisaria de dormir neste quarto infeto, alugado pela senhora Lucrecia, viúva que parasita os pobres inquilinos, falando-se no diabo, lá vem ela a descer as escadas, a megera parece um elefante, um rinoceronte, aquelas patas gordas fazem todo o chão estremecer,

é um hipopótamo, um verdadeiro unglado, que ventas!, ainda não terminou de descer as escadas e já arqueja, uma chaleira humana prestes a explodir, o que poupa em lâmpadas sobralhe para encher a pança, todo o santo dia me entra o odor a cozinhados pelo quarto dentro, só tenho direito a três refeições frugais, mas a grande batráquia refoga, assa, frita de manhã à noite, quando por nós passa, sentimos o fedor a fritos, proibiu-me de fumar aqui dentro, o fumo incomodava-a, não conseguia deliciar-se com o cheiro dos seus estufados, a velha balofa acaba de descer e antes que a consiga cumprimentar vem-me à ideia uma palavra, maldição, não me lembro de que língua é, nem o que significa, *kartofler*, sim, mas que horror, que obscenidade mental, logo quando tenho dona Lucrecia diante de mim.

— Ora, bom dia! Hoje, ainda não o tinha visto. Não desceu à sala durante o pequeno-almoço. Veja bem que até me traz em cuidados! De tão preocupada, fui agora mesmo ao seu quarto, ver se se encontrava bem. Não o tinha visto sair.

A harpia gananciosa pisca-me o olho, ou assim entendo ser aquele movimento, as brumas não me permitem distinguir com clareza, traz uma vela na mão, mas o seu corpo absorve quase toda a luz, é grotesco, a chuva embate e escorre pelas vidraças, sinto o frio do edifício a morder-me o corpo sob as roupas molhadas, preciso de subir, ela foi-se embora nem há uma hora e estou já neste estado, há que me recompor.

— Dona Lucrecia, não havia necessidade! Um compromisso levou-me a sair mais cedo, mas com muita pena minha. Bem sabe que aprecio a sua adorável companhia ao pequeno-almoço, deixa-me sempre radiante e com forças para enfrentar o dia, tudo isso devido ao seu sorriso!

Dona Lucrecia sorri, os seus olhos são nesgas de escuridão nos inchaços rosados que lhe cobrem o rosto, aproxima-se de mim,

que bafo quente sai daqueles pulmões, é uma completa aberração, como pode a natureza permitir tal existência, contraria toda a evolução, com esta mulher a humanidade regride séculos, milhares de anos, certamente não estará ao corrente das novas teorias científicas, não é dada a leituras, já lhe trouxe revistas com artigos traduzidos por mim, porém, a paquiderme insiste que não tem tempo para leituras mundanas, prefere habitar no éter da cozinha, um universo alternativo, a maldita palavra não me sai da cabeça, quase me apetece dizê-la, tenho de me refrear.

– O senhor é sempre tão galante! Que falta faz uma velha como eu a um homem tão jovial?

Nenhuma, é certo, todavia, tenho de trabalhar.

– Muita, dona Lucrecia, nem imagina quanta falta faz a este mundo, a desgraça espalha-se como uma peste, a guerra terminou, mas outras se iniciam, somos governados por políticos descarados, corruptos, egocêntricos, o povo é inculto, a juventude está perdida, já não valorizam os tradicionais valores e a religião da nossa abençoada sociedade, sim, como vê, a senhora é uma luz que nos ilumina neste ar putrefacto, uma alma abnegada, altruísta, não olha a quem quando faz o bem. Já agora, dona Lucrecia, não me pode dar mais uma vela?

A velha sorri-me, a palavra não me sai da cabeça, *kartofler*, maldição para tudo isto, porque é que não penso em Helena agora, neste instante, e sou perturbado por tanta estupidez, coisas inúteis, é de bradar aos céus, um suplício, nasci na época errada ou poderia ter sido uma figura da mitologia grega, um deus caído em desgraça, o salvador da humanidade condenado a sofrer eternamente diante do absurdo, uma gigantesca pedra que empurro, carrego às costas, tudo em mim quer explodir, estremeço de frio, a água escorreu-me pelo pescoço, o chapéu no elétrico, sabe-se lá onde estará agora, terei de o averiguar.

– Mas é claro, tudo para agradar aos meus hóspedes! Ah, isto não é um verdadeiro negócio, é uma família, não há quem mais bem trate aqueles que acolhe sob o seu teto.

Uma alma radiante a desta senhora Lucrecia, trata-nos como família, sem dúvida, acolhe pobres desamparados sob o seu teto, desde que lhe paguem o devido a tempo e horas, não se lhe pode exigir mais do que isso, é claro, a velha afasta-se alguns passos e, com uma das chaves do molho que traz atado à larga cintura, abre uma gaveta, tem lá dentro dúzias de velas.

– Tente poupá-la, por favor, estão ao preço do ouro e já é a segunda que lhe dou esta semana.

– Bem sei, dona Lucrecia, mas tenho de trabalhar, um homem tem de ganhar a vida!

– Essa sua ocupação é muito desagradável, consome-o. Nunca pensou em procurar outro trabalho, algum em que tenha de sair de casa, passar o dia todo num escritório, numa loja, aí o patrão paga-lhe o ordenado e as velas!

– Quem sabe, dona Lucrecia, talvez um dia, tenho pensado nisso, mas esta é a única coisa que sei fazer, não sou forte de braços, a bronquite ataca-me muito, mas pode ser que na primavera, depois das chuvas...

Dona Lucrecia sorri em aprovação, eu afasto-me lentamente enquanto falo, tenho já um pé no primeiro degrau, ela lança-me ainda palavras esbaforidas.

– O almoço vai ser uma delícia, já o estou a preparar.

– Obrigado, dona Lucrecia. Diga-me, por favor: que horas são?

– São agora oito e meia em ponto.

– Muito obrigado, dona Lucrecia, é uma fonte de inesgotável sabedoria. Só uma última coisa...

A velha acerca-se, eu debruço-me sobre o corrimão, estou curvado no segundo degrau, molho o tapete, todo o meu corpo escorre água, tirito de frio, não consigo evitá-lo, é mais forte do que eu, a gorda viúva estica o pescoço, aproximo o meu rosto, sinto-lhe o hálito dos pesados assados de domingo, ainda não os digeriu, a noite não foi suficiente, ela aguarda ansiosa, eu grito-lhe ao ouvido.

— *Kartofler, kartofler, kartofler!*

Dona Lucrecia olha para mim incrédula, não sabe o que dizer, o ouvido quiçá ainda retine, sofreu sob o meu grito, que hei de fazer, não controlo tudo o que se passa no mundo, o meu corpo faz parte dele, não há como o dominar por completo nem sequer em parte, estou aliviado, sinto-me muito melhor, a maldita palavra não me saiu da cabeça, não recordo o que significa, porém, soltá-la bem alto parece ter ajudado, quebrou um feitiço que tinha sobre mim, hesito diante do rosto da velha, ela não fala, eu ainda menos, decido subir rapidamente as escadas e falar sobre o ombro.

— Obrigado, dona Lucrecia, Deus lhe pague! Foi um alívio, acredite-me. Vemo-nos ao almoço.

Subo as escadas a correr, a vela na mão, não olho para trás, a minha senhoria está ainda pasmada ao fundo da escadaria, todos os degraus gemem sob os meus pés gelados, retiro a chave do bolso das calças, a minha mão continua uma pedra, os dedos mal se mexem, abro a porta, estou de regresso ao meu quarto, tremo, não tenho aquecimento, apenas uma cama, uma cadeira, um armário, uma secretária cheia de papéis e livros, um alguidar com água, já me basta de água, pouca luz entra no quarto, fecho a porta, atiro a chave e a vela para cima da cama, que frio está aqui dentro, um homem trabalha para isto, vive uma vida triste, miserável, atura imbecis o dia todo, nem um

pouco de calor recebe ao voltar a casa, começo a despir-me, tiro uma toalha lavada do armário, seco o corpo, que frio, nunca mais aquecerei, talvez morra aqui, já sinto a pneumonia, sim, afeta-me, arderei de febre até à morte, dona Lucrecia não chamará o médico, tem medo, pode ser ela a pagar, não, daqui só saio num caixão, sinto vontade de tossir, a doença é galopante, fulminante, estou todo nu, só a toalha me protege, a chuva cai agora mais esparsamente, o céu aparenta querer clarear, sim, vê-se o sol irromper entre as nuvens, estivesse eu na rua e talvez assim não fosse, o universo conjuga-se para me matar, não tenho sorte, o infortúnio persegue-me, em vez de nascer iluminado por uma estrela, o meu nascimento foi acompanhado de um corno, um grande corno de boi, retorcido, branco, negro na ponta, que absurdo, não sei em que penso, a palavra volta, o alívio foi temporário, será que ela se sente bem?, o mar estará revoltado, ela nunca andou de navio, ainda tem tantos dias de viagem, meu Deus, morrerei aqui, tenho de me vestir, ninguém olha pela minha saúde, tenho o estômago vazio desde o jantar de ontem, nada comi na rua, sinto-me fraco, visto roupas secas e esfrego o cabelo com a toalha, meto-me na cama, tapo-me com os cobertores, pela janela entra a luz de um Sol tímido.

Destroçado com a partida da sua noiva, um jovem tradutor entra num elétrico a caminho de casa. À sua volta, pessoas que são o retrato de uma cidade — e de uma vida — que ele abomina: mesquinha, cruel, injusta e, de algum modo, ridícula. Sozinho, confuso e sem chapéu, apercebe-se que chegou o derradeiro momento de encontrar uma saída, algo que o afaste para sempre de editores ardilosos, inquilinos bizarros, da senhoria e dos seus insuportáveis guisados — custe o que custar.

Irónico, mordaz e impetuoso, *A Noiva do Tradutor* é um testemunho implacável de uma sociedade que, embora aparentemente distante, encontra o reflexo perfeito nos dias de hoje.

«Um humor sarcástico e subtil que
se vê pouco na literatura lusa.»

— *Público*

ELSINORE entre nós e as palavras 2020 editora	ISBN 978-989-8664-52-9  9 789898 864529 Ficção em Língua Portuguesa
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	